

ATRASO. Paralisação adia sonhos de formatura, afeta a vida de bolsistas e de alunos de outros estados

Greve na Ufal prejudica estudantes

Corte no orçamento das instituições de ensino superior acarreta em atraso no repasse do pagamento das bolsas e dias parados atrapalham calendário

NIVIANE RODRIGUES
REPÓRTER

Desde criança, Taís Gusmão, 22 anos, sonha em ser odontóloga. Estava a um passo de realizar o que almeja, quando foi surpreendida pelo que hoje se transformou em um pesadelo para o início da carreira: a greve de docentes e servidores administrativos da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), iniciada em maio e que não tem nem sinal de acabar.

Vestido de formatura comprado, beca prontíssima para o dia da colação de grau e até as tradicionais fotos produzidas. Não faltava nada para a festa, até que a greve começou e, com ela, a angústia de quem conta nos dedos os dias para se tornar profissional graduado.

Taís é mais uma na lista dos estudantes universitários a viver a angústia

que parecia ser breve, no entanto só aumenta à medida que o tempo passa e grevistas e governo federal não chegam a um acordo em relação às reivindicações das categorias.

Aluna do 9º período do curso de Odontologia, Taís Gusmão estava concluindo as três últimas disciplinas para seguir ao estágio obrigatório, que corresponde ao 10º e último período do curso. Começaria em agosto e em fevereiro, após a colação de grau, participaria da festa de formatura. Vai ter que esperar.

“Se não fosse a greve, estaria agora atendendo no interior de Alagoas e no Hospital Geral do Estado [HGE], onde a gente faz estágio”, afirma Taís. Os estagiários trabalham sob a supervisão de professoras e, na área de saúde, levam atendimento principalmente à população carente.



FOTOS: DÁRCIO MONTEIRO

O mesmo temor que acompanha vários outros estudantes, é o que ameaça Taís ao pensar no risco de perder o semestre letivo. Sempre existem boatos de que a gente pode perder o semestre por causa da greve. O pior é que não podemos iniciar uma pós-graduação. Tem pessoas que iriam fazer mestrado, mas não podem porque não concluíram o curso”, diz.

Considerado um dos cursos mais caros para o aluno, Odontologia é in-

vestimento alto para o bolso de quem deseja seguir a carreira, mesmo estudando em universidade pública. Taís, por exemplo, revela que os pais desembolsaram em torno de R\$ 8 a 10 mil com a compra de instrumentos e materiais. “Estamos nos segurando na fé”, afirma.

Entre os universitários, as situações são as mais complicadas e angustiantes. Enquanto uns aguardam o fim da greve para se formar, outros tiveram que voltar para seus estados de

Paralisação iniciada em maio e sem previsão de terminar adia o sonho da estudante Taís Gusmão, de 22 anos, de ser odontóloga

Wende Evangelho, de Feira de Santana, na Bahia. Ele é estagiário na assessoria de Comunicação da Ufal e possui um outro estágio, por isso não pode voltar para casa enquanto a greve não termina.

Aluno do 4º período, afirma que recebe R\$ 400 de bolsa do estágio na Ufal, dinheiro suficiente apenas para pagar o aluguel do apartamento onde mora. “Com o corte no orçamento, o repasse da bolsa está atrasando, mas não posso voltar para casa porque tenho meu trabalho a fazer, mesmo sem as aulas. A gestão [da Ufal] liberou a gente, mas mesmo sem aula tenho as coisas para fazer na biblioteca, teatro. Enfim, não tem como voltar, aí meus pais ajudam a complementar minhas despesas com alimentação porque o restaurante universitário só está sendo disponibilizado para quem mora na Residência Universitária”, conta.

“Fico sem querer voltar para a Bahia porque não sei se terei as mesmas oportunidades que estou tendo aqui, ressalta.

Muita gente está abandonando os cursos

Mais complicada ainda é a situação de quem veio do longínquo estado de Rondônia para estudar na Ufal. É o caso de Rion Paulo Ferreira, 21, natural de Porto Velho, que também faz jornalismo em Alagoas. “Estou no terceiro período. Na verdade, escolhi Alagoas de forma aleatória; queria algum lugar no Nordeste para estudar. Fiz algumas pesquisas e decidi encerrar essa jornada em Maceió. Moro em uma república que fica localizada no Farol, revela Rion.

No caso dele, não houve como segurar a barra em Maceió. O jeito foi arrumar as malas, voltar para casa e esperar que a greve tenha um fim. “Estou muito preocupado, sabe? É muito tempo, dinheiro investido e você simplesmente pode acabar perdendo um semestre inteiro. Para quem mora fora como eu, é péssimo. Muitos nem têm condições de ir visitar e ficar com suas famílias. Você pensar que todo investimento que você fez ao longo do semestre pode simplesmente ser descartado é, no mínimo, lamentável”, afirma.

CALENDRÁRIO

O pró-reitor de Graduação da Ufal, Amauri Barros, conversou com a Ga-

zeta. Ele disse que, após a decisão em Assembleia da categoria docente, o Conselho Universitário, órgão máximo de deliberação da Universidade, após convocação do reitor, se reúne para apresentar uma proposta de reposição do Calendário Acadêmico. O Conselho é composto por 54 membros, entre professores, técnicos e alunos.

Segundo ele, dos 100 dias do calendário do primeiro semestre letivo – 2015.1 –, foram cumpridos 64, restando 36 dias, nas cidades de Maceió, Viçosa, Palmeira dos Índios e Penedo. Já em Arapiraca, Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia, possui duas semanas a menos. Ou seja, falta cumprir 48 dias do cronograma do semestre.

“A defesa da gestão superior da Ufal é que, ao se encerrar a greve, a primeira semana seja disponibilizada para revisão dos conteúdos. O gestor faz questão de ressaltar que o movimento é “legítimo, um direito dos trabalhadores [professores e pessoal técnico-administrativo] e que as decisões são tomadas em assembleias das categorias”. Não cabe à gestão, segundo ele, nenhum tipo de intervenção.

O pró-reitor reconhece, porém, os prejuízos causa-

Dias parados
Em Maceió, Viçosa, Palmeira dos Índios e Penedo, dos 100 dias do calendário do primeiro semestre letivo (2015.1), foram cumpridos 64, restando ainda 36 dias

dos não apenas à comunidade acadêmica, mas à população a quem a universidade atende, porém afirma que “as reivindicações das categorias são justas. Infelizmente, o governo federal demorou muito a receber as categorias, mas consideramos que o movimento caminha para um desfecho”, observa.

Ele reafirma o que dizem os estudantes que se veem diante dos prejuízos causados pela paralisação. “Tem estudante que recebeu proposta de emprego, mas não pode trabalhar porque não concluiu o curso, outros foram aprovados em mestrado e não podem cursar. Para os alunos que completaram tudo, concluíram as disciplinas e demais exigências legais, nós estamos formando, fazendo a colação de grau, mas os que dependiam de disciplinas, infeliz-

mente não podem se formar”, afirma, ao destacar a situação também prejudicial para a sociedade que recorre aos serviços dos estagiários nas diversas áreas de saúde e da Universidade, que tem seu papel de inserção na sociedade.

Com a greve, informa o pró-reitor Amauri Barros, “não se pode firmar novos convênios com o Estado, municípios, entes públicos em geral e alguns privados. Com isso, não há como manter os novos estágios”, diz.

DESISTENTES

Outros que também contabilizam prejuízos são os estudantes convocados na segunda chamada do Sistema de Seleção Unificada, o SisU. Neste caso, só podem começar os estudos quando o primeiro semestre de 2015 for concluído.

“Muitos estão abandonando o curso. É desmotivador para eles”, diz o pró-reitor, demonstrando preocupação diante da situação. “Como o primeiro semestre ainda não foi concluído, esses alunos (feras) ainda vão ter que esperar um pouco. Depois de encerrado o semestre, ainda teremos 15 dias de recesso para efetuar as matrículas acadêmicas dos alunos”. NR

Manifestantes promovem ‘apitação’ na universidade

Ontem pela manhã, mais uma vez servidores técnico-administrativos em greve voltaram a realizar manifestação no campus da Ufal, em Maceió. Os manifestantes fizeram um “apitação” e percorreram diversos setores, inclusive o prédio da Reitoria. O barulho dificultou o trabalho dos que não aderiram à greve – aqueles que têm cargos de chefia e gratificação. A intenção é intensificar o movimento e levar o governo federal a negociar com as categorias.

Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Ufal (Sintufal), Jeamerson Santos, as manifestações ocorriam simultaneamente em todo o País. Os grevistas têm reunião com represen-

tes dos ministérios da Educação e do Planejamento e Orçamento. Vão apresentar uma contraproposta ao que foi apresentado pelo governo. A contraproposta é de reajuste salarial de 15%, divididos em dois anos. No início da greve, as categorias pediam aumento de 27,3%. O governo ofereceu 21,3%, divididos em quatro anos.

“Com a pressão dos movimentos, o governo decidiu reduzir o prazo para dois anos, mas não houve consenso no percentual, que o governo mantém em 10,8%”, disse Jeamerson Santos. A Federação dos Trabalhadores Técnico-Administrativos em Instituições do Ensino Superior Público do Brasil (Fasubra) mantém as negociações em Brasília. NR



Servidores percorreram ontem diversos setores da Ufal em protesto